

A escola comunitária

AFRÂNIO COUTINHO

O Brasil é imprevisível. O imprevisto é a regra de seu funcionamento e progresso. Qualquer planejamento fracassa pela falta de continuidade e perseverança. Os mais belos projetos encontram sempre a indiferença, o comodismo, o conformismo. As tentativas mais brilhantes de inovação de qualquer setor caem por terra, no nascedouro, antes mesmo de aplicadas, em virtude do negativismo, das campanhas de silêncio ou da oposição sistemática.

Mas há coisas que vingam. Imprevisivelmente graças ao idealismo de alguns abnegados, que se colocam na correnteza do imprevisto. O imprevisto é a grande escola criadora do País. Dele nasce a maioria dos bem sucedidos fatos de nova vida.

Em 1943, um grupo de estudantes, liderado pelo colega Felipe Tiago Gomes, imaginou a criação de um ginásio. A idéia cresceu e deu lugar à atual Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), instituição sem fins lucrativos, à qual se deve o maior movimento nacional de sentido eminentemente comunitário do País. Sabe-se que somos um povo solidário mas não comunitário. Pois bem, a CNEC é um modelo de organização comunitária. Financeiramente é mantida pelas comunidades (70 por cento), com pequena parcela de ajuda estatal. Como diz seu atual Superintendente e criador, é uma "escola pública não estatal". É a maior organização de ensino dos três primeiros graus, com unidade de direção, espalhada por todo o território nacional, presente em mil 16 municípios, com mil 346 escolas, 24 mil 566 professores, 475 mil estudantes, segundo dados de 1983.

Como diz o seu programa, a sua base estrutural é a comunidade. Para a instalação de uma escola, organiza-se em primeiro lugar o setor local, agrupando-se cem pessoas. Esse grupo tem por objetivo inicial a captação de recursos da comunidade e dos poderes públicos. E daí parte para uma campanha de despertar e coordenar o esforço da comunidade para as atividades educacionais, assistenciais e fundar e manter as escolas e outras unidades para os sócios e estudantes desprovidos de recursos, bem como para difundir e aperfeiçoar o ensino. Um dos pontos fundamentais é a criação das Escolas-Fazenda, para desenvolver a realidade sócio-econômica e cultural da região. Eis, portanto, o conjunto de atividades cenevistas, que assim concorre para subsidiar o estado no aprimoramento, e mesmo para substituí-lo, no fornecimento da educação.

Uma visita a uma das unidades escolares da CNEC é uma grata surpresa. Verdadeiramente modelares, quanto a instalações e funcionamento, com setores para creche, admiravelmente organizadas, e escolas do primeiro e segundo graus. Em toda a parte, prima a limpeza, a higiene, a disciplina, o tratamento adequado. Sente-se a direção eficiente, o espírito coletivo, a dedicação, e orientação segura. Sente-se a direção superior que domina a instituição em todo o País. Sente-se a filosofia educacional, que visa a desenvolver no País o espírito comunitário, ao lado de uma educação produtiva, sobretudo altamente eficiente nos locais interioranos, carentes de boa assistência escolar. Presta, destarte, a CNEC um serviço relevante ao País, com sua atuação paralela aos governos, nem sempre capazes de exercer o seu dever de dar educação para todos.

Afrânio Coutinho é escritor